

Mineiros no corte da cana na Região de Ribeirão Preto (SP)



José Giacomo Baccarin
José Jorge Gebara

Professores do Departamento de Economia Rural da FCAV/UNESP Jaboticabal SP.

1 - Introdução

Na região de Ribeirão Preto, localizada no Estado de São Paulo, desde a década de 1950 tem-se observado grande crescimento da área plantada com cana-de-açúcar. Com os incentivos concedidos pelo Proálcool a partir de 1975, esse crescimento se acentuou, de forma que hoje a lavoura canavieira ocupa cerca de 700.000 hectares, 38% da área agrícola local.

A expansão da cana-de-açúcar substituiu outras atividades

agrícolas da região como o algodão, o milho e o arroz, mas especialmente afetou a atividade pecuária, diminuindo a área ocupada com pastagens. Como a pecuária utiliza poucos trabalhadores, a expansão da cana-de-açúcar fez com que a necessidade local de trabalhadores rurais aumentasse.

Só que a quantidade de trabalhadores utilizados na cana-de-açúcar não é a mesma durante o ano. Na fase de entressafra, que vai de dezembro a abril, são feitos serviços como plantio, adubação, capinas, etc. que, de maneira geral, apresentam altos índices de meca-

nização. A outra fase, que se estende de maio a novembro, é a época da colheita ou da safra, ainda hoje realizada, em grande parte, de forma manual. Nesta fase a necessidade de trabalhadores (os cortadores de cana) é muito grande, quase três vezes maior do que no período de entressafra. É o que os técnicos costumam chamar de demanda sazonal por mão-de-obra da lavoura canavieira.

A colheita da cana-de-açúcar acontece ao mesmo tempo que as colheitas da laranja e do café, que também são muito importantes na Região de Ribeirão Preto e rea-

lizadas igualmente de forma manual pelos apanhadores de laranja e apanhadores de café.

Os cortadores de cana, os apanhadores de laranja e de café são arremetidos entre a população bóia-fria existente nas cidades da região. Mas, pela grande expressão das três culturas e pela coincidência de suas colheitas, fazendo com que a procura por trabalhadores nesta fase aumente consideravelmente, para sempre a ameaça de que os trabalhadores locais se mostrem em número insuficiente. Ou que aumentem suas exigências salariais e por melhores condições de trabalho.

No entanto, a falta ou insuficiência de trabalhadores no Brasil só pode ser aparente e localizada no tempo e no espaço. A concentração das terras rurais e a forma como o País foi se desenvolvendo, contribuíram para formar imenso contingente de trabalhadores subempregados e vivendo em condição de miséria, o que garante sua disponibilidade, quase que imediata, para os mais diferentes serviços que não exigem maiores qualificações. Se em determinada época e/ou lugar há a possibilidade de faltar mão-de-obra, na realidade isto dificilmente chega a acontecer e o problema é facilmente resolvido (sob o ponto de vista empresarial, é claro) pela migração de trabalhadores dos lugares onde estão "sobrando" para aqueles onde a necessidade de mão-de-obra é maior.

Não poderia ser diferente na região canavieira de Ribeirão Preto. A maior necessidade de trabalhadores associada à expansão da lavoura canavieira foi coberta por migrações internas, por exemplo, de trabalhadores expulsos pelas transformações ocorridas na agricultura do norte paranaense ou oriundos de regiões "estagnadas" e mais pobres do Estado de Minas Gerais. Estes migrantes, chegando a Ribeirão Preto, tendem a fixar aí suas moradias e passam a engrossar o contingente de bóias-frias a serem empregados pela lavoura canavieira.



Além desses migrantes que se transformam em bóias-frias "permanentes" da região - no sentido de que passam a morar continuamente, pelo menos por alguns anos no local, outro tipo de migrante é comumente constatado na lavoura canavieira, que é o migrante sazonal ou temporário. Este não fixa sua moradia na região de Ribeirão Preto, mas vem para ela apenas para os serviços da colheita de cana-de-açúcar, quando, como já visto, a necessidade de mão-de-obra é consideravelmente maior.

Ao final da colheita de cana-de-açúcar, quando diminuem os serviços, provocando desemprego inclusive para os bóias-frias locais⁽¹⁾, os sazonais voltam para as suas regiões de origem, onde ficam até a próxima safra canavieira. De vários locais se originam os sazonais: de outras regiões do Estado de São Paulo, do Estado da Bahia, mas especialmente do Vale do Jequitinhonha, localizado no Norte de Minas Gerais.

(1) Como já afirmado, a expansão canavieira, além da área com pastagens, substituiu culturas como o arroz, o milho e o algodão. Acontece que estas culturas davam empregos justamente na época de entressafra da cana, empregos estes que diminuíram em muito nos últimos anos pela própria redução da área plantada com estas culturas.

Neste trabalho, procuramos estudar a migração sazonal para a região canavieira de Ribeirão Preto, de trabalhadores do Vale do Jequitinhonha. Verificamos suas condições de vida e trabalho, tanto na região de origem (o Vale), como na região de destino (a região de Ribeirão Preto). Comentamos também as relações dos sazonais com os bóias-frias da região de destino, especialmente no que se refere ao encaminhamento de suas reivindicações por melhores condições de trabalho na cana-de-açúcar.

2 - O Migrante no Vale do Jequitinhonha

O Vale do Jequitinhonha tem-se tornado conhecido pelos seus elevados níveis de pobreza, alarmantes mesmo para padrões brasileiros. A subnutrição, a alta mortalidade infantil, a incidência do Mal de Chagas a nível endêmico, etc., fazem com que a região seja chamada também de "Vale da Morte".

Sua localização, ao norte de Minas Gerais, o situa na área do Polígono da Seca, registrando-se a ocorrência de anos inteiros

sem chuvas. A topografia é, no geral, bastante montanhosa e a muitos lugares o acesso só é possível a pé ou a cavalo, sendo o burro o meio de transporte mais utilizado na região.

Os principais municípios de origem dos migrantes são Araguaia, Itaobim, Berilo, Virgem da Lapa, Chapada do Norte, Minas Novas, Trumalina e Francisco Badaró. A grande maioria da população ainda mora no meio rural, normalmente na condição de pequeno produtor de subsistência. A cidade é o "ponto de encontro" do fim de semana, quando são realizadas as feiras. Os pequenos produtores trazem para a cidade o excedente da produção agrícola não consumida pela família e alguns trazem também peças de artesanato feito com tecido de algodão, barro, madeira, bambu ou couro. Com o dinheiro "feito" na feira, sempre muito pouco, conseguem adquirir um ou outro produto industrializado. Especialmente em Berilo, a feira apresenta um significativo comércio de animais de transporte (burros e jêques).

No meio rural, os pequenos produtores se encontram distribuídos em pequenos vales ou "grotas", formando as comunidades rurais. São dezenas de pequenos sítios, muitas vezes pertencentes a membros de uma mesma família (latu senso), que se reproduz por casamentos consanguíneos. À medida que os filhos vão se casando, recebem parte das terras da família, onde são construídas suas casas e onde instalam seus roçados. A construção da casa é uma atividade realizada em mutirão, por toda a comunidade. Utiliza-se basicamente o adobe, que é um tijolo feito no próprio local e cozido ao sol.

O roçado inicia-se com o desmatamento e limpeza de uma pequena área de terra (2 a 5 hectares), não superior à capacidade de trabalho da família. A queimada é o meio mais empregado neste serviço. Após o terreno limpo, faz-se o plantio do milho, do feijão, do ar-

roz, da mandioca e de alguns outros produtos (abóbora, melancia, fumo, algodão, etc.), utilizando-se somente a enxada ou outro instrumento manual como ferramenta de trabalho. Aliás, a força de trabalho humana é praticamente a única empregada nos serviços agrícolas, não se observando o uso de força de trabalho animal (para aração e gradagem, por exemplo), muito menos de tratores.

As despesas em dinheiro são as menores possíveis. As sementes utilizadas são guardadas das colheitas anteriores ou adquiridas de algum vizinho; não se utilizam adubos químicos; gasta-se muito pouco na compra de formicida e nada em outros defensivos. É também muito rara a contratação de mão-de-obra assalariada, sendo que em épocas de maior necessidade de força de trabalho os pequenos produtores trocam dias de serviço entre si.

Devido ao nível da técnica utilizada e também pelas condições naturais adversas (terrenos inclinados e de baixa fertilidade) os roçados duram muito pouco em cada lugar, em média 3 anos. Após este período, o terreno é deixado em pousio e outra área é desmatada e limpa para o início de um novo roçado. Progressivamente as áreas vão sendo esgotadas e erodidas, mesmo porque as chuvas tendem a ser muito mal distribuídas, faltando em grande parte do ano e se concentrando em algumas semanas.



Os resultados conseguidos na agricultura permitem, no geral, apenas a subsistência das famílias. Muito pouco é acumulado. Além da casa da moradia, são raras outras construções nos sítios; os animais de transporte (burros e cavalos) e os suínos possuídos não passam de 2 a 4 por pequeno produtor, ou nenhum muitas vezes e os bovinos são contados ainda em menor número. Em média, as criações se resumem à existência de umas 15 galinhas ao redor da casa.

Além do artesanato, o garimpo de ouro, em alguns casos, contribui para a complementação da subsistência familiar. Mas esta é uma atividade já muito decadente na região, o mesmo acontecendo com a caça, seja pela redução do número de animais, seja pela fiscalização da Polícia Florestal. Quanto às possibilidades de trabalho assalariado, são poucas e de baixa remuneração; é comum, por exemplo, empregadas domésticas trabalharem praticamente a troca de comida.

O Vale do Jequitinhonha tem-se caracterizado por ser região de origem de grandes fluxos migratórios. São jovens, principalmente, que se deslocam para os grandes centros; Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, para se empregarem na construção civil, em grande parte. Muitos migram definitivamente do Vale. Outros migram sazonalmente e, entre eles, se destacam os que se dirigem para o corte de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo.

Entre os sazonais, muitos são solteiros e os casados costumam migrar sozinhos, deixando mulher e filhos pequenos no Vale. Depois que plantaram (a partir de outubro, novembro) e cultivaram suas roças de subsistência; depois que colheram as culturas de ciclo mais curto (como o arroz e o feijão); depois que limparam, quando é o caso, o terreno para o novo roçado, os mineiros, em fins de abril e começo de maio, saem para o corte de cana no sul. Suas mulheres,

seus pais e irmãos que não migram ficam com a responsabilidade de colherem as culturas de ciclo mais longo (o milho, por exemplo) e de cuidarem das criações e da propriedade. A expectativa é de vir para o sul, ganhar o máximo e gastar o mínimo possível de forma a levar recursos que possibilitem melhorias de condições de vida da família e, quem sabe, melhorias em suas pequenas propriedades. O assalariamento temporário, para muitos, é a tentativa seguidamente repetida, de se manterem como pequenos produtores de subsistência.

3 - O Migrante na Região de Ribeirão Preto

A migração sazonal de moradores do Vale de Jequitinhonha para os serviços na lavoura canavieira da região de Ribeirão Preto, embora tenha-se acentuado nos últimos anos, vem acontecendo desde muito tempo; conhece-se migrantes que repetem o processo já há mais de 20 anos. Pode-se dizer que este fluxo de mão-de-obra, o vai e vem dos mineiros, já se encontra consolidado, de forma que na maior parte dos casos não são utilizados os agenciadores ou "gatos" de mão-de-obra.

Quando se inicia a safra da cana-de-açúcar, os sazonais descem "naturalmente", isto é, por conta própria, do Vale para a região de Ribeirão Preto.

Muitos se dirigem às cidades desta região, como Guariba, Barrinha, Santa Ernestina, Dobrada ou Jaboticabal, passando a morar em pensões. São alojamentos com números variados de quartos, caracterizados pela improvisação e pela precariedade das condições oferecidas. Os quartos não passam de cubículos de 2 por 2 metros, muitas vezes sem janelas e onde se alojam de 4 a 6 pessoas. É comum uma pensão de 20 ou 30

quartos dispor de 1 ou 2 chuveiros somente, isto para quem se "encarvoa" e se "mela" no corte da cana. As pensões fornecem também a "bóia" aos migrantes, mas grande parte prefere eles mesmos cozinhar, evitando serem explorados no preço e na má qualidade da alimentação. Os donos das pensões costumam ser também empreiteiros de mão-de-obra, "ajustando" os serviços dos mineiros junto à usina ou fornecedor⁽²⁾, com o qual mantém ligação.

Outra parte dos sazonais se aloja no próprio interior das fazendas produtoras de cana-de-açúcar, nos chamados "barracões de mineiros", que são encontrados em algumas usinas e em número considerável de fornecedores. Geralmente a precariedade e a improvisação destes alojamentos se aproximam das verificadas nas pensões, sendo comum os empresários aproveitarem antigas construções, inclusive antigas estrebarias, para transformarem em barracões. Uma queixa comum entre os mineiros de barracão se refere à má qualidade da comida fornecida. Outro problema constatado é que em alguns barracões é limitada e às vezes impedida a entrada de parentes ou conhecidos dos sazonais. A saída dos mineiros também é controlada, sendo que os barracões dispõem de uma pequena dispensa que fornece cigarro, pinga, doce, podão de cana, etc para evitar a necessidade da ida à cidade para compra destes artigos. O isolamento e o maior controle sobre a mão-de-obra é o que se procura com estas medidas.

De maneira geral, na safra da cana, a quase totalidade dos cortadores trabalha com carteira assinada. Para os sazonais a

mesma situação predomina. No que se refere ao nível salarial, quase 60% dos sazonais recebem de 3 a 5 salários mínimos e 30% de 2 a 3 salários mínimos. A jornada de trabalho tende a ultrapassar as 8 horas, sendo o mais comum trabalhar-se de 9 a 10 horas diariamente. Para os que moram na cidade, a isto são acrescidas 2, 3 ou mais horas de transporte em bancos de madeira na carroceria de caminhões. Quanto à quantidade de cana cortada por dia tem-se observado que os mineiros de barracão são os mais produtivos, mesmo proque, ao não dependerem do transporte, iniciam o trabalho mais cedo e terminam mais tarde. Muitos chegam a trabalhar aos domingos durante a safra. Para os sazonais a safra não pode se estender muito, pois no início das águas precisam voltar para o Vale, em tempo de plantarem suas roças de subsistência.

Nos últimos anos tem-se observado na região canavieira de Ribeirão Preto frequentes movimentos grevistas e reivindicatórios. Algumas conquistas têm sido alcançadas, mas a organização dos cortadores de cana ainda se revela precária e a mobilização da categoria encontra algumas dificuldades específicas, entre elas o fato das turmas de uma mesma usina, por exemplo, originarem-se de diferentes cidades e trabalharem em lugares distantes entre si. Exagerando um pouco, se para parar uma fábrica na cidade basta fechar um portão, para parar o fornecimento de cana à usina deve-se fechar as várias saídas de diferentes cidades.

Em que medida a migração sazonal afeta o encaminhamento das reivindicações da categoria cortadores de cana-de-açúcar? A primeira coisa a se saber é qual a importância, a participação percentual dos sazonais no número total de cortadores de cana e se esta participação tende a aumentar. As dificuldades para se obter essas informações são muito grande, o que exige levantamentos mais precisos. Visivelmente e por

(2) Os usineiros, além de plantações de cana-de-açúcar, são proprietários também do parque industrial que fabrica o açúcar e o álcool. São grandes empresários. Os fornecedores, geralmente pequenos ou médios empresários, produzem apenas a matéria-prima, a cana-de-açúcar que vendem aos usineiros.

informações das prefeituras locais, sabe-se que as cidades de Barriinha e Guariba, por exemplo, têm suas populações consideravelmente aumentadas na época da safra de cana-de-açúcar. Por outro lado, enquanto em algumas usinas têm-se observado aumento no uso dos sazonais nas últimas safras, em outras a tendência é de formação das turmas fixas de trabalhadores⁽³⁾, mesmo porque o período de colheita da cana vem se ampliando ao longo do ano, chegando em alguns casos a durar 7 ou 8 meses, entrando pelos meses de novembro e dezembro. Neste caso, o emprego dos sazonais é dificultado, pois não poderiam voltar à sua região de origem em tempo de cultivarem suas roças.

De qualquer maneira a diminuição da migração sazonal contribuiria para redução da oferta de mão-de-obra na região canavieira,

(3) Os trabalhadores das turmas fixas fazem dois contratos anuais com as usinas, o de safra e o de entressafra, separados entre si por 15 a 20 dias de férias não remuneradas. Nas entressafra, os trabalhos são empregados no plantio e no cultivo da cana, além de realizarem serviços gerais, como a conservação de cercas, etc.

dando vantagens aos trabalhadores na negociação de seus contratos de trabalho com os empresários canavieiros. Por outro lado, diminuir-se-ia a instabilidade na vida dos migrantes, já que muitos são obrigados a viverem separados de suas famílias e do que consideram como sua moradia efetiva em parte considerável do ano e seguidamente ao longo do tempo. A saída visualizada neste caso diria respeito ao aumento da renda na região de origem, envolvendo a redistribuição das terras agrícolas locais e garantindo acesso às terras de melhor qualidade aos trabalhadores, bem como políticas de desenvolvimento regional com a concessão de crédito rural e possibilidades de acesso a tecnologias que melhorassem a capacidade produtiva dos pequenos produtores do Vale do Jequitinhonha. Poucas ilusões, entretanto, deve-se ter neste caso, mesmo porque as oportunidades de desenvolvimento surgidas no Vale têm beneficiado empresários capitalistas vindos de outras regiões e dificultado ainda mais a permanência dos mineiros em sua região de origem.

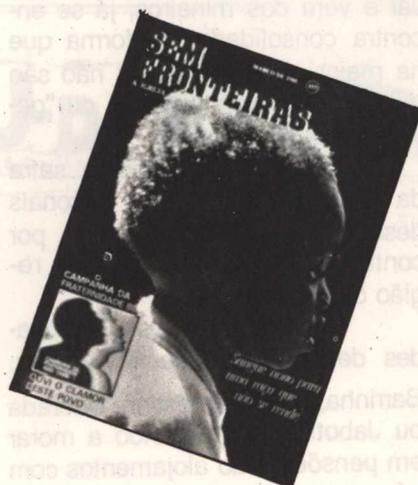
No que se refere ao encaminhamento das reivindicações dos canavieiros, o isolamento dos mineiros de barracão é uma dificuldade a ser encarada – como tantas outras – pelo movimento sindical. Seria interessante que se reforçasse atuações conjuntas dos sindicatos de trabalhadores da Região de Ribeirão Preto e do Vale do Jequitinhonha. Estes teriam o papel de discutir com os migrantes, enquanto eles estivessem ainda no Vale, a pauta de reivindicações que estaria sendo encaminhada na região canavieira, bem como tentar tirar representantes das turmas de sazonais para que mantivessem contatos com os sindicatos da região de Ribeirão Preto.

Uma luta específica dos sazonais e que já tem apresentado algum encaminhamento ultimamente se refere à qualidade dos alojamentos. Como a migração sazonal é algo que vem se repetindo ao longo dos anos, não há nenhuma justificativa para que as pensões e os barracões continuem a manter o estado precário e improvisado, geralmente constatado.



Assine a Revista **TEMPO E PRESENÇA**
Publicação mensal do CEDI, com temas da atualidade analisados na perspectiva do ecumenismo comprometido com os movimentos populares.

Av. Higienópolis, 983 – 01238
São Paulo/SP. Fone: 825-5544



Leia e assine
SEM FRONTEIRAS – A Igreja do Brasil aberta para o mundo – Uma Revista missionária, voltada essencialmente para o 3º mundo. Publicação mensal do Instituto Comboiano S. Judas Tadeu;

Cx. Postal 55, CEP 06750 Taboão da Serra/SP. Fone:
(011) 843-1221